

Subfragista

Comedia

1611

- *Personas* -

<i>Berta</i> -	<i>Sorolana</i> -
<i>Acacia</i> -	<i>Eduarda</i> -
<i>Alie</i> -	<i>Fernanda</i> -
<i>Filomena</i> -	<i>Alfreda</i> -
<i>Margareta</i> -	<i>Madre</i> -
<i>Elvira</i> -	
<i>Victoria</i> -	
<i>Rosa</i> -	
<i>Rosaria</i> -	
<i>Ana</i> -	
<i>Empregada</i> -	

Trageiras de prédio moderno. Além pequeno jardim com muro de ambos os lados junto do qual corre um estreito canteiro onde florescem violetas, roseiras, heras e madeiras. Adornando estas três últimas plantas o muro em alguns pontos, havendo a meio da esquerda uma roseira de ramos bem-^{toda}cos e umas hortas de hera que transpõem a altura que não alcança dois metros. À direita uma pequena capoeira. Ao fundo esquerda uma porta envidraçada e a meio uma estreita janela de vidro fosco e à direita a porta da cozinha com o habitual cubículo de madeira junto. Tê-se ainda o primeiro andar com a idêntica disposição sobre uma varanda corrida e praticável.

Cena I
Rosa, Vitória e depois Jaciá

Rosa está na varanda do lado da cozinha, estendendo roupa numa corda para enfiar. Vitória abre a janela da esquerda do rez-do-chão e aparece varrendo.

Rosa — Bom dia, menina Vitória!

Vitória — Bom dia, menina Rosa! As meninas estão bem?

Rosa - Estão bem, muito agradecida.

Vitoria - (sacudindo o quintal) Lá, assim foram todas as patriotas!

Rosa - Lá isso é verdade. As meninas, são umas santas e ajudam-me muito.

Vitoria - Enquanto as novas não são más, mas depois... Lá não há casas! E estes vizinhos sempre são muito porcos. Fazem do quintal caixote de lixo.

Rosa - Éu, não!

Vitoria - E depois cá está a ~~Alphavilla~~ ~~futura~~ ~~surta~~ a cega rega da patroa. Vitoria o quintal precisa varrindo! Estão do segundo andar, de casa de tal senhoresa advogada, ou que diabo é ela, Refe-jam toda a casta de porcarias!

Rosa - Credo! Isto é um desmaio de casa. Melhoraria para o da agarrada aos livros e não pensa em mais nada.

Vitoria - Eu se fosse homem não queria uma mulher assim.

Rosa - Ela também não dá trela a homem nenhum... que se saiba.

Vitoria - (centa-se) Mas sabe-o ela e basta.

Acacia - (goia) O Vitoria!

Rosa - Chamaram-na.

Vitoria - Lá ouvi. E respondesse sempre que me chamam estava acada. Ando aqui morta de trabalho e sem um minuto de descanso!

Rosa - Mas também faz mal!

Acacia - (goia) Vitoria!

Elvira - (ruído) Ora, era! É a Luiza?

Isaura - Está ^{tal qual} como as memórias. Também se levantou agora. Tomara já o Carnaval passado. As malas todas se cerram para errar as doenças!

Filomena - (aparecendo na varanda) Doenças e namoros. Como está, D. Isaura?

Isaura - Boa dia, D. Filomena, (colocando a sobrecasaca sobre uma cadeira) Tem razão.

Elvira - Não é tanto assim, tia!

Filomena - A menina não me contradiga. Ora veja, D. Isaura. Intem em casa das Timentinas mal se podia romper.

Isaura - Muito de todo em o aperto. Quando há aperto há sempre pouca vergonha.

Filomena - Eu fui... para as acompanhar. Pois houve um rapaz, ainda não sei quem era, que me tocou pela namorada (pinto de Elvira)

Isaura - E depois?

Filomena - Pegou-me por um braço, conduziu-me para um vão de janela e pegou-me a mão.

Isaura - Que desagrado!

Filomena - Isto nada não é nada. Retire-se, menina. (Elvira finge que se retira e vai para traz de Filomena)
"Vierte com o grupo das Loucas, meu anjo!... Vin respondi em para ver onde aquilo se parava. (Pouca uma grande gargalhada) Que está você a rir?
^{Ora vai pôr o olho} ~~na~~ ^{na} atrevida! (Pouca retira-se) Estas creadas estão impossíveis!

Isaura - Ohnhas desastinadas! E depois?

Filomena - Sem-me um abraço apertadíssimo e com que
violência. Beijou-me na cara! Na cara! E em
seguida... Logo lhe conto.

Isaac - Ainda mais?! E permitiu?

Filomena - Fui ver onde aquilo chegara. Tinha uma for-
ça!... Não decausou sem descobrir quem é o
atrevido.

Isaac - Indecente!

Elvira - A mim! nenhum! Me levou para não se ja-
nela, meu ^{me!} beijo! Quando a gente não quer es-
sas coisas não sucedem.

Filomena - Quando tu nasceste, já eu cá estava, minha sabi-
chona ~~para~~ um homem com a gíria deste não
há rapariga que resista. Era um bruto. Hei-de
saber quem é! Deliciados como o seu há poucos. É
verdade! Como está' ele?

Isaac - Aquilo não é nada. Minha ligeira indisposição de
ventre. Fica o dia de hoje em casa e amanhã
está bom. (Elvira ~~aparece~~ o resco)

Margarida - (aparecendo na varanda traz um livro) Bom dia,
ex.^a D. Isaac.

Isaac - Idem, Margaridinha! (de troca) Então já de-
je?...?

Margarida - Não dormi nada.

Isaac - Então que esteve a fazer na cama?

Filomena - Sem a mania de que não dorme. Foi sem te
ouros' ressonar.

Margarida - (ofendida) Ressonar?! Ah! 'Fé! Os homens é
que ressonam. (sorrindo com ar compassivo) Então,

em, que sonho tanto!

Elvira - He' quando estás acordada. (mrm) Si, esta noite sempre tive um sonho!

Margarida - Que sonhoeste?

Elvira - (x) Não digo. Cêdo! (Elvira entra pelo fundo esquerda.)
Adaus, Elvira!

Elvira - Muito bons dias. De que estavam a rir?

Elvira - Era só eu que via a lembrar-me d'um sonho que tive.

Elvira e Acacia - Que foi?

Margarida e Filomena - Conta!

Elvira - E' incoherente. Fingui a gente não tem culpa de quanto com que sonho. (volta para cunha e para a direita)

Margarida - Não está ninguém a ouvir.

Elvira - (Baixo e pondo as mãos na boca em forma de funil para impelir o som para baixo). Lembra que o Capitão Patista se tinha despertado na cama da tia. Fêz a bejola e ela aos gritos!... (volta com uma grande gargalhada. Todos riram menos Filomena).

Acacia - Que disparate!

Filomena - Maninha, não ~~he~~ admitta que tenha semelhante sonhos! Que tal está!

Elvira - Não tive culpa.

Filomena - Quando se não pensa em homens, já estes quadros não penetram no espirito!

Pora - (da porta da cozinha do primeiro andar) Está o almoço na mesa. (vai)

Filomena - Quarem alivocar amores?

Seccia e Alice - Muito obrigada.

Margarida e Filomena - sté logo. (Filomena, Margarida e Filomena saem pelo fundo esquerdo da varanda Alice senta-se em attitude de penatona à esquerda)

Cena III

Seccia, Alice, Vitoria, Coriolano, Alfredo e Alberto

Coriolano - (fora) / Minha sobrecasaca! O Seccia!

Seccia - Si, e verdade! (para fora) / Esta guaze pronta. (ao pegar na sobrecasaca do com os olhos em Alice)

O Vitoria! (com um berro) Vitoria!

Vitoria - (entrando pelo fundo direita e desabrida) / Lá ou.

Seccia - Escova a sobrecasaca do sr. Coriolano. (vindo a Alice) / Que tens tu? (Vitoria escova a sobrecasaca à porta da cozinha)

Alice - Nada.

Seccia - O que tu tens sei eu. Tens homem na moleirinha. Tu do. te a tristeza... Quem e' ele?

Alice - Mãe!

Seccia - Algum peralvillo sem vintem! Hoje uma rapariga quando alguma pateta olha para ela logo presume que foram os seus dotes que o enfeiticaram e não simplesmente o seu dote. Supõe logo que e' um principe! Parto que traga cobrinha. Lá as raparigas andam todos engomados e perfumados e trazem os meus ratos, os alvideiras vazias e os pés sujos!

Alice - Os pés sujos! O Seccia!

Seccia - Ora eu e teu pai não te demos à luz para caíres nas mãos de qualquer palvintia bandalhête.

Thiê - Se eu tiver de casar não é com nenhum gorduroso barrigudo que os papais julguem conveniente. Ha-de ser a meu gosto.

Isaura - E as noivas também. Minha mãe-inimiga não sabe es-
colher. A experiência é a grande mestra. Pelo menos
é preciso que obedeça a certas condições. Tinha trinta
anos e pé de meia.

Thiê - Com certeza que ~~isto~~ não tem pé de ferradura!

Isaura - Tu bem me entendes, minha neta.

Coriolano - (Grita) A sobrecasaca!

Isaura - (A Vitoria) Então isso não está pronto? Ligar!
Olhem para este quintal! Tudo sujo!

Vitoria - Não tenho quatorze mãos!

Isaura - Mas tem quatro pés! Burra!

Vitoria - Lerei burra, mas ando com os braços no ar
como a senhora. (Chorando num berreiro) Para isto não
servo!

Isaura - Cale a boca! Respondo-na! E logo se melindra! Man-
duca! (Cai no quintal um embrulho de sopa, que
se desmancha) Que é isto?

Vitoria - É do segundo andar que atiram comida para os
gatos. Agora diga que sou eu que não limpo! (Coloca
a sobrecasaca sobre uma cadeira e aponta o embun-
cho).

Isaura - Pouca vergonha! (Para a neta) Isto não é barril de lixo.
Meu marido é amigo do Conde de Souza que é
interno do Capitão Leonardo, primo do governador
civil e portanto verás o que lhe acontece!

Thiê de Mulher - Ora os talares! (Gargalhadas)

Vitoria - (Grita) Descançando! Descançando!

Acácia - (a Vitoria) Cala-te. E' melha mostrarmos que somos delicados. (para cima) Malereados! Póreas!

Coriolano - (~~Aparecendo~~ a porta do fundo esquerda, pronto para sair de Chapéu alto, mas em mangas de camisa) Então a sobressaca? (Vitoria sai para a cozinha. Aluê corre a buscar a sobressaca)

Acácia - Está ~~psicorizada~~.

Aluê - (segurando na sobressaca) Vista, papa'!

Coriolano - Estou com muita pressa.

Acácia - Que te querera' o Cabral?

Coriolano - A manga!

Acácia - Qual manga?

Coriolano - Falo com a Aluê. Política não é' com certeza. E' le sabe perfeitamente que fiquei' onde estava e não aderi.

Acácia - Tem obrigação de saber que somos monarquicos. Mas ~~ella~~ nós deservem; precisam de ti e andam - te com o olho em cima.

Coriolano - Não me cheira. Não quero que me chamem malereado e por isso vou ~~sozinho~~ chamado procura' - lo. (muito cauteloso e confidencial no meio de amboas e trazendo - os a boca da cena) Vou dizer. Mas uma coisa, mas segredo, hein!

Acácia - Descansa.

Aluê - Eu não digo nada.

Coriolano - E' hoje, esta noite...

Acácia e Aluê - O quê?

Coriolano - A revolução. Leem os regimentos para a rua.

Aluê - Que medo, papa'!

Coriolano - E todos pensassem como tu mineira se fazia Mel-
da.

Acacia - Já se sabe! E convenientemente que não saias esta noite.

Coriolano - Possem. Não os deixarei só. Em primeiro lugar é preci-
so mandar vir três quilos de bacalhau. - Ito logo.

Acacia - Vou já mandar preluir as Patêtes, o Leguminoso, e
a D. Leonadia para que diga ao filho que avi-
se o sogro que...

Alia - E os Gomes que têm o irmão no quartel e...

Coriolano - (exaltado) Digam a toda a gente se lhes parece!
Eu só avisei a Fomeça, o Roberto e o Matos. Não o
dixe a ninguém.

Acacia - Acabou-se. Não se diz nada. (Caem varios papelinhos)
Repara para isto! Luzam todos estes vizinhos! Dize
alguma coisa, homem! Ito aqui não é pocilga!

Coriolano - (para cima e exaltado) Ito aqui não é pocil-
ga!

Acacia - Indecente!

Coriolano - (o mesmo e repetendo) Indecente!

Acacia - Deixa lá, não te exaltes!

Coriolano - (o mesmo) Deixa lá, não te exaltes! (Outro tom)
Bem! Ito logo e... segredo!

Voz de papagaio - Papagaio real Talassa! Talassa! (risos)

Acacia - Ito encimaram o papagaio a insultar-te!

Coriolano - Eu desanco o papagaio!

Voz de papagaio - Talassa!

Alia - Não ouça, papa!

Coriolano - (gula para cima) Cala a boca! Tá de acia! Vou ter
com o senhorio. Eu ou o papagaio. Não admito

Chalacão, etc. logo.

Seacía - Espera, homem! Vitória, o café!

Alcê - Depressa! Vá-te.

Coriolano - Estava a ferver... não o tomei.

Seacía - O café! ~~Lágrima~~ Lágrima!

Alberto - (entra correndo) Papá, não se esqueça de
me recomendar ao Continho para me chamar
a geografia.

Alcê - Cala-te! Vão ver que o papá tem pressa?

Seacía - Não sejas marandão! Vitória, o café! (Campaínha)

Vitória - (trazendo uma chaleira) Aqui está! (Seacía
toma a chaleira das mãos de Vitória e passa-
a a Coriolano. Campaínha)

Alcê - Nem guardanapo!

Seacía - (Para Vitória) Não ouves, bater à porta? Nem guar-
danapo!

Vitória - (berrando para dentro) Pata com a cabeça!

Seacía - Não digas? Imaginem que era o Cabral!

Coriolano - (tendo levado a chaleira à boca) Ferve! Ferve! Está a
ferver! (Alberto abre a capoeira das galinhas e
corre atrás de las. Alcê pega na chaleira e assopra o
café)

Seacía - (gula) Bêta diabo desta creança! (com um grito)
Ó ranaz, deixa as galinhas!

Coriolano - Lá não bebo! (vai a sair guloso pelo fundo es-
guarda. Perto da porta, tropeça em Alberto e cai
por cima dele. Seacía ~~Alfredo~~ Alfredo que vem
a entrar distraído cai por cima de ambos.
Seacía que tem corrido na direcção da cozinha
esbarra em Vitória que vem entrando!)